

Estruturas de Oportunidade Midiática: como movimentos sociais pensam suas estratégias de visibilidade diante dos processos de midiática¹

Alana Nogueira Volpato ²

Resumo

Considerando a relevância de sua dimensão performática, movimentos sociais precisam desenhar estratégias para conquistar visibilidade considerando uma série de fatores, como aliados e oponentes, com objetivos convergentes ou divergentes, atuando em um terreno comum, que apresenta condições para interação, inclusive as midiáticas. Para compreender como os processos de midiática tensionam as estratégias de visibilidade de movimentos sociais, exploramos trechos de seis entrevistas em profundidade realizadas com membros do Levante Popular da Juventude que mostram suas percepções sobre as conformações decorrentes de interações midiáticas. Amparados por essas falas, descrevemos Estruturas de Oportunidade Midiática como um caminho para pensar as influências dos processos de midiática na perspectiva dos movimentos sociais.

Palavras-chave

Movimentos Sociais; Midiática; Visibilidade; Imprensa; Mídias digitais.

Introdução

A dimensão performática dos movimentos sociais ganhou importância na medida em que as reivindicações entre demandantes e os grupos aos quais elas se direcionam passam a ser constantemente mediadas pela mídia e pela opinião pública (TARROW, 2011). Os meios de comunicação de massa, o ambiente digital e as várias arenas discursivas representam importantes espaços que podem tirar da invisibilidade problemas, perspectivas sobre eles e atores sociais periféricos. Ingressar na esfera de visibilidade pública, aqui compreendida como “o domínio social das coisas e temas com alta visibilidade social” (GOMES, 2008, p. 111), é um pré-requisito para que as discussões referentes aos problemas sociais ganhem relevância.

Para ampliar sua influência junto ao sistema político e à sociedade, atores sociais e políticos precisam considerar as formas pelas quais se inserem em espaços de visibilidade. Certamente, não podem controlar todas as variáveis que definem para onde se dirige a atenção pública ou

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho (GT) Relações Públicas, Política e Sociedade, atividade integrante do XV Congresso Brasileiro Científico de Comunicação Organizacional e de Relações Públicas.

² Doutora em Comunicação pela Universidade Estadual Paulista (Unesp). Mestre em Comunicação, Especialista em Comunicação Popular e Comunitária e Bacharel em Comunicação Social – Relações Públicas pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Vice-líder do Grupo de Pesquisa Comunicação Midiática e Movimentos Sociais (ComMov). E-mail: alana.volpato@unesp.br.

como serão percebidos, mas podem fazer escolhas que lhes permitam transitar nesse espaço evitando consequências indesejadas e buscando alcançar resultados próximos aos pretendidos.

Meyen, Thieroff e Strenger (2014) explicam que os diferentes atores políticos percebem a mídia como um caminho para acessar recursos como atenção pública e legitimação. A relevância da mídia no contexto político contemporâneo pressiona atores políticos a mudarem estratégias, redistribuírem recursos nas organizações políticas como partidos, grupos de interesse e organizações não-governamentais, levando a uma alteração no conjunto do sistema político.

Entendemos movimentos sociais como organizações que desenvolvem estratégias para ingressar na esfera de visibilidade pública a partir de sua percepção sobre a crescente importância da mídia nos processos políticos, buscando direcionar atenção pública para suas pautas, com enquadramentos favoráveis, que lhes ampliem as chances de conquistar apoio da opinião pública. Dispõem de inúmeras possibilidades de comunicação que envolvem os meios de comunicação de massa, os ambientes digitais, as manifestações em espaço públicos e seus próprios meios de comunicação. Em cada uma dessas possibilidades, precisam desenhar estratégias para conquistar visibilidade, negociando com as lógicas midiáticas que constroem a ação dos atores que pretendem conquistar um lugar no debate público.

As escolhas estratégicas feitas por diferentes atores raramente se dão em situações definidas por eles próprios. É preciso considerar aliados e oponentes, com objetivos convergentes ou divergentes, atuando em um terreno comum, com condições diferentes (DOWNEY; ROHLINGER, 2008). Neste artigo, estamos particularmente interessados nos tensionamentos gerados pelos processos de mediação.

Compreendemos que a mídia é uma instituição que oferece tanto recursos materiais que viabilizam as interações sociais, como também regras, que podem ser explícitas ou implícitas. Assim, é possível que lógicas de mídia estejam presentes em outras esferas da vida social. Ao mesmo tempo em que permitem um terreno comum para a interação, as lógicas são limitantes porque direcionam as práticas sociais (HJARVARD, 2014). No entanto, concordamos com Braga (2012, 2015), que reconhece o caráter de experimentação inerente a ampliação de participantes sociais em processos antes dirigidos à indústria cultural com a presença de interações mediadas em diferentes âmbitos da vida cotidiana.

Se, por um lado, é possível perceber como a mídia incide sobre os diferentes atores políticos, tensionados a assumir suas lógicas, é preciso reconhecer que as práticas sociais permeadas pela mídia envolvem uma série de desafios, negociações e mesmo resultados inesperados que não

decorrem da assimilação, mas de redirecionamentos e experimentações criativas com lógicas midiáticas em constante reformulação.

Para compreender como os processos de midiatização tensionam as estratégias de visibilidade de movimentos sociais, apresentamos alguns conceitos da teoria de movimentos sociais que evidenciam a influência de estruturas em suas performances, como repertórios de ação, estruturas de oportunidades políticas e discursivas. Na sequência, exploramos trechos de seis entrevistas em profundidade realizadas com membros do Levante Popular da Juventude que evidenciam suas percepções sobre as conformações decorrentes de interações midiatizadas. Amparados por essas falas, descrevemos Estruturas de Oportunidade Midiática como um caminho para pensar as influências dos processos de midiatização na perspectiva dos movimentos sociais.

Decisões estratégicas: entre agência e estruturas

A abordagem da estratégia em movimentos sociais pretende equilibrar o foco entre estrutura e agência, tratando de como jogadores escolhem agir considerando uma série de fatores, entre seus objetivos, sua identidade, os demais atores envolvidos, seus recursos, as posições que ocupam na arena, entre outros. Em dadas situações, alguns fatores serão mais relevantes que outros para a tomada de decisão.

Jasper *et al* (2015) afirmam que a estratégia se faz presente nas tentativas de diferentes atores se influenciarem, seja de forma cooperativa ou conflituosa. Partindo da teoria dos jogos, entendem que a estratégia de movimentos sociais é composta por dimensões que envolvem os jogadores, seus objetivos (ou fins), as arenas nas quais o jogo se desenrola e os meios utilizados. “Meios e fins dos jogadores, assim como as arenas nas quais eles interagem, são o núcleo da ação estratégica” (JASPER et al, 2015, p. 399).

Essa parece ser uma abordagem proveitosa para tratar disputas por visibilidade, já que movimentos se tornam visíveis em relação a outros atores, com interesses convergentes ou divergentes. Precisam considerar a disposição dos demais sujeitos e dos objetos de discussão quando elaboram suas estratégias que também levam a reações de aliados ou oponentes. Dessa forma, as dinâmicas instauradas pela movimentação dos atores no campo de visibilidade fazem com que eles participem da conformação do próprio campo de visibilidade.

Arenas são os ambientes em que os engajamentos estratégicos se desenrolam, oferecendo um conjunto de “regras e recursos que permitem ou encorajam certos tipos de interações, com algo em jogo. [...] Alguns movimentos estratégicos são claramente feitos dentro das regras do jogo, outros pretendem mudar, ignorar ou distorcer essas regras” (JASPER et al, 2015, p. 401-2, tradução nossa). Arenas podem ser físicas, configuradas dentro de um espaço e tempo compartilhado, como as ruas e o parlamento, ou metafóricas, como a esfera pública. Podem, também, ser compostas por outras múltiplas arenas. Arenas podem ser mais dinâmicas, atualizando-se a todo tempo, ou podem alcançar alguma estabilidade.

Em alguns casos, é possível que as regras e recursos da arena sejam mais relevantes para a ação. Em outros, é a movimentação dos demais jogadores que compartilham a mesma arena com objetivos e estratégias conflitantes. Nas escolhas é preciso enfrentar dilemas, optar entre possibilidades divergentes, considerando os riscos, ganhos e perdas de cada uma. Por isso, estratégia envolve negociação entre atores do mesmo grupo, com as regras das arenas e com outros jogadores, aliados ou opositores (JASPER et al, 2015).

Com base nessa definição, entendemos que

estratégias de visibilidade são desenhadas para transitar na esfera de visibilidade pública considerando tanto suas próprias lógicas de conformação a partir dos padrões e normas midiáticos, como também a disposição de outros atores, suas posições e suas potenciais movimentações em resposta a ação do movimento social (VOLPATO, 2022, p. 130).

Pretendemos, na sequência, explicar como os atores desses movimentos sociais recorrem aos acervos de conhecimento acumulado disponíveis, de forma criativa, buscando ingressar em espaços de visibilidade que lhes ampliem as chances de influenciar a opinião pública e o sistema político. Nesse empenho, acionam recursos midiáticos e negociam com lógicas de mídia buscando alcançar objetivos de uma forma que faça sentido para o conjunto de atores implicados.

Influências na arena

Nas disputas por visibilidade, movimentos sociais precisam optar dentre as possibilidades de direcionamento da atenção pública considerando sua identidade coletiva, seus recursos, seus objetivos, as oportunidades e os riscos envolvidos, como também as expectativas de reação dos demais atores sociais. Lidam, portanto, com o conhecimento já acumulado e compartilhado sobre as formas de se fazer tais reivindicações, não apenas no âmbito das experiências

desenvolvidas por um grupo específico, mas no contexto mais amplo, que oferece um leque de opções de protesto historicamente convencionadas, comunicadas e aprendidas, constituindo um terreno comum para a política contestatória.

Observando formas de contestação na França e na Inglaterra ao longo de três séculos, Charles Tilly comparou o comportamento de participantes de ações coletivas com bandas de jazz: certamente fazem improvisações e inovações criativas, mas seguem minimamente roteiros conhecidos do ritmo, que orientam sua apresentação pública. Invariavelmente, essas interações recorrem a padrões que limitam tais intervenções (TARROW, 2010).

Inicialmente preocupado em perceber o conjunto de atividades disponíveis em largos períodos históricos, o conceito de repertório passa a dedicar mais espaço para a dimensão cultural com a noção de performance, que apreende adaptações e usos variados de formas de ação condicionados, por exemplo, pela cultura local. Os repertórios reúnem um conjunto variável de performances, maneiras socialmente aprendidas de reivindicar publicamente, encontradas em períodos de tempo mais curtos (TARROW, 2010).

Como considera as expectativas de demais atores, que vão desde opositores a potenciais apoiadores, sobre quais performances movimentos sociais irão realizar, a escolha sobre as formas de ação disponíveis nos repertórios envolve uma série de fatores. Esse grupo de possíveis formas de ação representa um leque de opções circunscrito historicamente. Os participantes dos movimentos sociais escolhem dentre as formas mais ou menos convencionais de interação contenciosa, levando em consideração as demais variáveis de seu contexto, configurado por diferentes estruturas.

Tarrow (2011) propõe o conceito de Estruturas de Oportunidade Política (EOP) para se referir às condições pelas quais as ações coletivas de caráter contestatório podem sofrer constrangimentos ou, pelo contrário, serem facilitadas. Mudanças nas relações estabelecidas entre Estado e sociedade, presença de aliados nos espaços de poder institucional, formas de repressão e graus de tolerância às manifestações públicas condicionam a atuação de movimentos sociais.

Estruturas de Oportunidade Política podem encorajar, tolerar ou reprimir determinadas formas de interação política (MCADAM; TARROW; TILLY, 2009). Nesse sentido, os repertórios são conformados de acordo com regimes que determinam o que é aceito ou não, criando constrangimentos nos processos de escolha dos movimentos sociais entre acionar recursos disponíveis no repertório, evita-los ou adaptá-los. Essa estrutura política de constrangimentos

ou incentivos delimita as escolhas dos agentes envolvidos no processo. Quando as oportunidades políticas se alteram, no entanto, há uma reconfiguração das condições que podem favorecer ou dificultar os padrões usuais, sendo preciso repensar o uso dos repertórios (TARROW, 2010).

As performances dos movimentos sociais são condicionadas, também, por Estruturas de Oportunidade Discursiva (EOD), que explicam como a cultura media a percepção sobre as ações dos movimentos sociais, definindo as chances de suas ideias parecerem sensatas, de construções sociais parecerem mais ou menos realistas e de reivindicações serem consideradas justas (KOOPMANS; STATHAM, 1999). As EOD representam o conjunto de constrangimentos ou incentivos para determinadas identidades coletivas, objetivos ou estratégias de ação em um dado contexto (DELLA PORTA; PAVAN, 2018).

A ocorrência, intensidade e abrangência de ações contenciosas depende de um quadro máster que as sustente, assim como da capacidade de movimentos sociais de gerenciar, propor e alinhar quadros que ressoem junto aos públicos (SNOW *et al.*, 1986). Para McCammon (2013) a ressonância de determinadas formas de comunicar a ação coletiva pode envolver valores e crenças estáveis e outros mais voláteis, que são renegociados de forma dinâmica.

Portanto, atores de organizações de movimentos sociais fazem escolhas estratégicas com base em repertórios pré-existent, inserindo diferentes graus de inovação, no empenho por conquistar visibilidade e atenção pública. Adequam-se de acordo com as interações em curso com apoiadores, oponentes, objetos de demanda e com o ambiente configurado por regimes, estruturas de oportunidade política e discursiva. Ao mesmo tempo, recorrem ao conhecimento acumulado que possuem sobre como a mídia funciona, buscando padrões que possam oferecer orientação sobre como agir para alcançar os resultados esperados, que permitam alguma previsibilidade. Assim, a percepção que os atores têm sobre os critérios de acesso à visibilidade nos diferentes meios de comunicação conformam sua ação.

Procedimentos metodológicos

Para compreender os tensionamentos gerados com processos de mediatização, buscamos conhecer a visão dos atores de movimentos sociais envolvidos na formulação, execução e avaliação de estratégias de visibilidade, que tanto informam sobre pontos relevantes da estratégia, quanto sobre as lógicas que condicionam suas ações na esfera de visibilidade pública, percebidas, justamente, em suas tentativas de se movimentar nesse espaço. Para tal, recorreremos

às entrevistas em profundidade³, que permitem não apenas recolher informações e identificar elementos relevantes de determinados fenômenos, mas conhecer as percepções dos atores participantes e os sentidos que atribuem aos processos investigados, compondo um caminho para acessar suas perspectivas sobre a realidade social (DUARTE, 2008).

Escolhemos como objeto de pesquisa o Levante Popular da Juventude, uma organização de jovens do campo popular brasileiro, com permanência no tempo, estrutura organizativa bem estabelecida, assim como programas com suas demandas e projetos, e atuação de característica comunitária. O movimento foi criado a partir da articulação de movimentos sociais que defendem uma revolução popular para o Brasil, que identificam a necessidade de criar uma estrutura organizativa para a juventude brasileira. As primeiras experiências nesse sentido foram desenvolvidas em 2005 e o movimento foi formalmente apresentado à sociedade em 2012, em sua nacionalização, por meio de escrachos aos torturadores da ditadura militar em diferentes pontos do país.

Buscando conhecer percepções variadas sobre os fenômenos estudados, convidamos para as entrevistas membros do movimento que atuam em diferentes frentes e funções, desde coordenação geral em âmbito nacional, estadual, municipal, até aqueles dedicados especificamente à área da comunicação. Realizamos entrevistas com seis membros, que possuem de 5 a 10 anos de vinculação ao movimento.

Definimos um roteiro semiestruturado para orientar a entrevista (DUARTE, 2008), que abordou a comunicação do movimento, percepções sobre visibilidade e processo de formulação de estratégias. As entrevistas foram conduzidas entre janeiro e fevereiro de 2021, de forma remota. Trazemos como material de análise trechos das entrevistas em que os participantes abordaram o caráter injuntivo da visibilidade, tanto pela percepção de espaços de visibilidade que não podem ser ignorados, quanto pelas condições para acessar tais espaços.

Estruturas de Oportunidade Midiática

Um primeiro ponto relevante das entrevistas indica que o caráter injuntivo da visibilidade, percebido pelos atores de movimentos sociais que dependem desse recurso necessário para atingir seus objetivos políticos, está relacionado aos processos de midiáticação que pressionam

³ As entrevistas foram realizadas no contexto da pesquisa “Estratégias de visibilidade de movimentos sociais da juventude na sociedade midiaticizada” (VOLPATO, 2022), desenvolvida com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp, processo 2019/00781-9).

atores a ocuparem espaços de visibilidade midiática, que se tornam relevantes para o debate público e para o diálogo com a juventude.

Por mais que seja possível atrair atenção pública de diferentes formas, muitas vezes a que é conquistada por ações nas ruas e nos territórios não é suficiente para alcançar os objetivos do movimento. Não se trata, portanto, de uma imposição da visibilidade, mas de determinadas formas de se obter visibilidade, em virtude de sua configuração diante dos processos de midiaticização, com as quais o movimento precisa lidar, mesmo que preferisse não fazer isso.

O exemplo mais claro é o das plataformas de redes sociais, onde se desenrolam acontecimentos políticos e, no limite, onde muitos jovens depositam sua atenção cotidianamente. Sobre isso, um entrevistado comenta:

O primeiro desvio, que marcou esse campo progressista mais tradicional foi o de relevar a nenhuma relevância (as redes). A virada da percepção de que as redes sociais são um terreno da luta ideológica se deu em 2018. Se deu com a derrota retumbante que a gente sofreu nas redes em 2018. (E5).

A fala expressa justamente que, embora seja uma possibilidade prescindir de fazer a batalha das ideias em determinados meios, essa opção traria consequências concretas para as lutas do movimento. Colocar as redes sociais como um dos pontos prioritários da estratégia de comunicação do Levante é uma escolha deliberada que considera os hábitos da juventude sobre participação política.

E nesse sentido, acho que não é à toa que a gente bota mais peso ainda nas redes. Inclusive, a comunicação do Levante, dentro da esquerda, é bem reconhecida nesse sentido, de participação nas redes e tudo mais, porque a gente se profissionalizou muito nesse sentido, entendendo que pra dialogar com a juventude em especial é um dos principais caminhos. (E6).

Por meio da injunção de formas midiaticizadas de visibilidade, as respostas dos entrevistados mostraram os limites colocados para sua movimentação, indicando a percepção de estruturas que delimitam as possibilidades de agência. No entanto, não tratam, apenas, de limitações resultantes de mudanças em regimes políticos, previstas nas Estruturas de Oportunidade Políticas, ou em sentidos prevalecentes na sociedade, previstas nas Estruturas de Oportunidade Discursiva. Decorrem das possibilidades de interação características dos processos de midiaticização. Essa constatação nos permite defender, como detalhamos na sequência, que configuram Estruturas de Oportunidade Midiática (EOM).

Tais estruturas são definidas por lógicas, que oferecem um conjunto de incentivos e constrangimentos para as performances dos movimentos ao pensarem suas estratégias de visibilidade. EOM se reorganizam de acordo com as movimentações dos jogadores, as

mudanças nas demais estruturas de oportunidade e pelas mudanças inseridas, cotidianamente ou abruptamente, em lógicas que orientam as interações nos espaços visíveis constituídos por interações midiaticizadas, acumuladas nos repertórios.

É possível identificar nas entrevistas a percepção dos participantes sobre a EOP, já que a presença de aliados no poder político institucional durante os governos petistas no início dos anos 2000 apresentou uma série de direcionamentos para os movimentos do campo popular, o Levante incluso. Colocam que esse projeto neodesenvolvimentista apostou nas transformações sociais por meio da política institucional, contrastando com um período anterior de redemocratização do país e reconstrução das instituições democráticas, em que o fortalecimento de organizações da sociedade civil que favorecia as mobilizações coletivas no espaço público.

[...] nos anos 90, e ao longo dos anos 2000, foram duas décadas onde a política foi totalmente institucionalizada. O atuar politicamente era quase sinônimo de tu ser um parlamentar, ou de tu ser um assessor. Era quase como se as ruas não tivessem, não fossem um espaço de luta política. [...] (E5).

Por um lado, esse momento demarcava apoio popular ao posicionamento político do movimento, o que ampliava suas chances de dialogar com a sociedade e apontava para uma situação favorável para ocupar espaços de visibilidade. Por outro, a abertura para uma interlocução direta com o governo exigia menos esforços nesse sentido. Com essa leitura, o movimento se voltou para a sua projeção nacional, por meio de grandes ações disruptivas, das quais os escrachos são o principal exemplo, que, ao mesmo tempo, impulsionavam suas pautas políticas.

Esse tipo de ação (que gera ampla visibilidade) fazia muito sentido num período anterior, pré-golpe. A gente é um movimento de jovens, em pleno neodesenvolvimentismo, a galera tá só melhorando de vida, vai ter melhores condições de luta, vamos pra cima, vamos avançar. (E6).

Os anos subsequentes, no entanto, foram de derrotas para o campo popular e para a esquerda, de forma geral. Para além da redução de possibilidades de negociação direta com o poder político institucional, a eleição de Jair Bolsonaro a presidência indica menos apoio da população às perspectivas políticas e ideológicas do movimento, bem como abre espaço para a extrema direita no espaço público.

Percebemos, nesse sentido, uma relação entre as mudanças nas EOP e nas EOD, em dois sentidos. Primeiro, a entrada de atores heterogêneos nas manifestações, somada ao interesse de apoiá-las naquela conjuntura, promove a legitimação dessa forma de atuação política, configurando as performances socialmente aceitas e toleradas pelo Estado. Segundo, há uma virada ideológica que gera resistência às soluções apresentadas pelo campo popular.

Essa mudança na EOP apresenta outros desafios, relacionados até mesmo com as políticas públicas em vigor, que interferem nas possibilidades de agência dos movimentos sociais. A precarização da vida faz com que militantes tenham menos condições materiais concretas para se organizar, a juventude das periferias esteja menos presente em espaços como universidades e escolas. Nessa realidade, mobilizações com alto número de participantes se tornam inviáveis.

A gente passa por um processo que, e aí em nível mais organizativo, ele impacta muito no Levante, que é ascensão do Bolsonaro e queda do governo PT, que dava muitas condições pra gente ter militantes em outras condições militando, que eram as bolsas, o acesso ao ensino, não ter que estar submetido a trabalhar com Uber e toda essa precarização. Ter mais militantes em seus territórios e podendo trabalhar com outras coisas interfere na visibilidade também, né. (E3).

Todas essas batalhas que a gente foi perdendo desde 2013, e aí golpe e aí todas as reformas que passaram... isso foi, já, por si só, transformando concretamente a nossa vida. (E6).

Ainda, estruturas de oportunidade política garantem legitimidade para as formas de ação e mais ou menos segurança ao estar em determinados espaços de visibilidade. A deterioração das instituições democráticas, somada ao radicalismo político legitimado pelo governo, são percebidos como constrangimentos para as reivindicações públicas que podem enfrentar reações repressivas e violentas do Estado. Há, também, percepção de mais insegurança jurídica e dificuldade de garantir os direitos civis de manifestantes.

Então hoje tem um processo de repressão muito maior. As manifestações políticas têm um perigo muito grande, tanto da polícia, quanto das ações dos grupos neofascistas que existem hoje no Brasil, da milícia e tal. (E4).

Hoje, especificamente, ser muito visado não é algo muito bom pra gente. [...] Acho que isso é um mantra de todo movimento popular, que a nossa maior riqueza, a nossa maior força, é nossa militância [...]. (E2).

Neste ponto, é possível indicar como mudanças nas EOP estão relacionadas a mudanças nas EOM. A falta de segurança para as mobilizações de massa e protestos nas ruas tensiona os movimentos para uma atuação voltada para ações territoriais de trabalho de base e estratégias de visibilidade amparadas por interações midiáticas. A impossibilidade de mobilizar massas nas ruas, seja pela precarização da vida dos sujeitos ou pela insegurança, reduz a capacidade de captar atenção da imprensa. Com essa configuração, as estruturas oferecem incentivos para performances realizadas por meio das mídias digitais.

Outra relação entre essas estruturas se evidencia ao considerarmos que as empresas e profissionais da mídia participam das dinâmicas de visibilidade na arena como jogadores com seus próprios interesses, sejam eles comerciais ou políticos. Para isso, negociam com a movimentação dos demais jogadores, oferecendo incentivos a determinados objetos de

discussão. Assim, a posição desses atores com respeito ao governo também altera as estruturas, ao redefinir quão permeável o filtro editorial da imprensa é às críticas e denúncias dirigidas a determinados oponentes.

Esse processo do governo Bolsonaro e da Globo estar mais sujeita a falar mal do Bolsonaro, em alguns aspectos que não os econômicos, abre um certo caminho. As últimas carreatas [...] pautaram o jornal, porque eles também têm interesse em falar mal do Bolsonaro até certo sentido. (E3).

A manifestação dos petroleiros contestando os preços dos combustíveis começa a ter entrada na mídia, que não teria em nenhuma outra circunstância, mas, como agora se tornou uma necessidade a deslegitimação do Bolsonaro, iniciativas, mesmo desse campo progressista, tem uma repercussão maior do que teriam em outras conjunturas. (E5).

Essas inserções demonstram como uma oportunidade aberta em uma das estruturas que conformam performances na esfera de visibilidade pública pode repercutir nas demais. A cobertura da imprensa aumenta a capacidade de captar atenção para essas demandas, o que pode reverberar em outros espaços e, a depender das movimentações estratégicas subsequentes dos demais jogadores, tornar essas pautas prioritárias no debate público ou reconhecidas socialmente como justas. Constrói-se, assim, uma EOD em que movimentos sociais podem ter mais facilidade de convencer outros setores da sociedade a apoiá-los, o que, por sua vez, pode levar a consequências políticas. Queremos com isso enfatizar o caráter dinâmico de estruturas que se interconectam e ajustam com o desenrolar das interações estratégicas.

Por isso mesmo, mudanças na estrutura de oportunidade discursiva também operam sobre a estrutura de oportunidade midiática, interferindo na disposição dos meios de comunicação de abordar determinadas questões ou assumir certos enquadramentos, conforme se tornam relevantes ou predominantes na sociedade. Acontecimentos recentes que levam a disrupções na ordem estabelecida captam atenção e representam uma oportunidade para abordar temas relacionados.

A gente tem vivenciado uma reflexão muito grande sobre o racismo. Se é uma ação que tá relacionada com isso, isso pode repercutir mais do que se a gente faz uma ação agora sobre uma questão que ninguém tá comentando ninguém tá falando e tal. O que tem a ver com o que a sociedade tem movimentado. (E4).

A movimentação de outros atores, inclusive os do campo social da mídia, por sua capacidade de concentrar atenção pública, redirecionam holofotes colocando em evidência determinados assuntos. É o caso do programa de entretenimento televisivo Big Brother Brasil (BBB), da Rede Globo, citado em diferentes entrevistas por seu alto potencial de mobilizar discussões, tanto pela audiência e quanto por sua circulação em plataformas de redes sociais. Estar atento às flutuações momentâneas da EOD operadas no âmbito da própria estrutura de oportunidade

mediática, como essa, é uma tática para se engajar em discussões com visibilidade pública, inserindo as perspectivas do movimento e buscando redirecionar o foco. Índícios dessas flutuações podem ser captados por recursos dispostos pelo próprio campo social da mídia.

A gente tem tentado ter muito cuidado em relação a isso, mas eventualmente você vai ver nas redes do Levante algum conteúdo do Big Brother com algum comentário nosso, alguma análise nossa em cima disso. Por que? Porque a gente vê que é algo que tá em alta. Todo lugar que você vai olhar tem gente falando do Big Brother. Então, beleza, vamos tentar usar Big Brother pra falar da política, falar da luta contra as opressões, falar do sistema capitalista, as contradições e tal. (E2).

O caráter dinâmico da EOM se evidencia, também, por transformações no próprio campo social da mídia que construiu um acervo de conhecimento, expresso em lógicas que orientam processos interacionais. Tais mudanças podem ser desencadeadas de diferentes formas, seja por inovações tecnológicas, alterações em padrões profissionais ou pela experimentação social com os processos antes mais restritos aos atores desse campo, e passam por uma aceleração, decorrente da midiatização de caráter digital.

As atualizações em lógicas que operam na distribuição de visibilidade, como critérios editoriais do jornalismo ou os algoritmos de plataformas de redes sociais, trazem novos desafios, por transformarem as regras que organizam as interações na arena.

É um grande desafio consolidar uma política de comunicação em um mundo digital, de redes sociais que a cada três meses, é uma onda nova, de um novo jeito ali. (E1).

[...] Quando essa linguagem mudou, quando o algoritmo mudou, a gente não soube se adequar muito bem. (E2).

Considerando que a arena é o espaço que conforma as interações estratégicas em curso e oferece regras para o jogo, é possível notar nas entrevistas a percepção de lógicas que operam com mais ou menos incidência em determinados meios, o que indica a delineação, ainda que difusa, de fronteiras que coexistem compondo essa estrutura. Recorrendo a Jasper (2018), entendemos que a metáfora que melhor explica esse desenho é a de subarenas, que por vezes são vistas como distintas e por outras se sobrepõem.

Um dos exemplos da composição de subarenas se ampara, justamente, na identificação de lógicas gerais que amparam interações na mídia de massa e em plataformas de redes sociais. Nesses dois marcos que evidenciam um agrupamento de regras e procedimentos, há também demarcações mais específicas que dizem respeito a heterogeneidade de atores da imprensa ou de tecnologias e recursos na internet. No primeiro caso, uma das entrevistas ressalta a diferença de participar de debates com oponentes, promovidos pelo jornal Folha de S. Paulo em seu canal do Youtube e pelo programa Pânico da rádio Jovem Pan, que possuem características muito

distintas. Um se orienta, principalmente, pelos procedimentos do jornalismo, e o outro é voltado para o entretenimento. A fala aponta que, no primeiro, ainda que haja uma divergência ideológica:

[...] existe uma responsabilidade com o jornalismo, ou há pelo menos a tentativa de transparecer certa responsabilidade com o jornalismo. Eles são um jornal. Diferente da Jovem Pan, do Pânico né. A gente foi num jornal e aí a gente foi no Pânico. É igual o MST falar com a Veja. O MST não fala com a Veja. Acho que até com a Globo é capaz de falar, mas não fala com a Veja. (E1).

Da mesma forma, ainda que seja possível perceber lógicas gerais que orientam interações em plataformas de redes sociais, elas apresentam características particulares, tanto as explicitadas por seus recursos, quanto as que estão implícitas nos processos de distribuição da visibilidade por meio de algoritmos. Oferecem, portanto, conjuntos de incentivos e constrangimentos que, quando manejados de forma convergente pelos jogadores, leva a melhores resultados em termos de visibilidade nessas subarenas, de acordo com seus indicadores.

A gente tinha uma posição de destaque dentro da esquerda, como a organização que tinha uma comunicação mais afiada, com mais alcance, mais visibilidade nas redes. E isso aconteceu porque, em determinado momento, a gente conseguiu entender qual era a linguagem do Facebook e conseguiu se adequar a ela. (E2).

Além de uma orientação voltada para lógicas específicas, subarenas representam espaços de circulação mais restritos, que podem se engatar nos circuitos que as extrapolam. Como apresentam critérios diferentes para conferir visibilidade e modos de operação específicos, com conjuntos variados de incentivos e constrangimentos, é possível que os jogadores captem atenção pública de modo concentrado em determinadas subarenas. São exemplos os circuitos construídos por atores da direita no WhatsApp ou sua presença em canais de televisão religiosos.

Eles têm um percurso, um caminho aí que eles conseguiram acumular, que é o que eles conseguem fazer com o Whatsapp né [...]. Bolsonaro fala e a galera solta: "esse material aqui, mande pra mais cinco pessoas" [...]. (E4).

É necessário destacar que os limites entre essas subarenas são difusos, esboçados, refeitos a todo momento pela atualização de lógicas e pela circulação decorrente da movimentação dos jogadores e suas interações. Assim, conquistar relevância em uma subarena não significa, necessariamente, direcionar atenção em outras. No entanto, em algumas situações, subarenas se entrecruzam. Da mesma forma que o BBB transita da televisão para as redes sociais, o que capta atenção no ambiente digital pode ir para as telas do jornal, ampliando o alcance de ações diretas, realizadas em territórios físicos que também constituem o espaço público.

A mídia ter reagido ou ter divulgado os escrachos foi fundamental, mas talvez essa reação da mídia não se sustentaria se não tivesse uma resposta nas redes sociais. Pelo menos não na mesma altura, sem uma grande disseminação nas redes sociais desses escrachos. (E1).

A sobreposição das subarenas não se dá apenas pela circulação de sentidos, mas também pelas adaptações em lógicas interacionais, que atualizam as estruturas de oportunidade midiática. O surgimento de novas tecnologias altera a distribuição da atenção pública na medida em que mais usuários transitam entre plataformas de redes sociais, que vão variando em sua capacidade de concentrar atenção pública e, com isso, ficando mais ou menos relevantes para o debate público. Com a intenção de manter e ampliar sua base de usuários, há um processo de incorporação de linguagens e renovação de recursos.

Por exemplo, a entrada do Tik Tok no país leva a uma mudança dos padrões de interação anteriormente estabelecidos em plataformas como Instagram e Facebook. Da mesma forma, na experiência do Levante, o uso da ferramenta de grupos do Facebook diminuiu, tanto pela redução de usuários na rede, quanto pela possibilidade de uso do Whastapp para disseminação de mensagens e organização dos trabalhos. As dinâmicas de circulação de sentidos em mídias digitais, com velocidade acelerada, também transformam o papel da imprensa.

Já rola uma cobrança nossa, a gente já tem que ir pro Tik Tok, porque o Tik Tok é uma rede nova, onde a gente vai ter mais visibilidade se a gente for agora do que se a gente for esperar depois, porque ela ainda não tá saturada igual o Facebook, igual o Instagram tá ficando. (E2).

[...] mesmo que a gente escolha fazer um jornal impresso, esse jornal impresso já não seria mais o mesmo. Ele necessariamente teria que dialogar, porque o jornal já não dá mais furo, por exemplo. Todo mundo vai ler uma notícia que já está lá nas redes, todo mundo já sabe. Então qual que é o papel de um jornal impresso, por exemplo? (E6).

As estruturas de oportunidade midiática se transformam não só pela movimentação dos atores do campo social da mídia, empresas ou profissionais, mas também pela movimentação de outros jogadores. Conforme jogadores têm sucesso em seus esforços de direcionar atenção pública, criam tanto oportunidades, abrindo espaços para ação, quanto constrangimentos para os demais envolvidos nas interações estratégicas. As cortinas de fumaça e as iniciativas de desinformação são citadas como operações para confundir a opinião pública e influenciar as movimentações de outros jogadores.

Chegou um tempo que a gente ficava tendo que falar mais de *fakenews* e tentar desmentir as mentiras do Bolsonaro do que conseguir de fato falar sobre o que a gente queria falar. Então a gente passava mais tempo tentando apagar os incêndios do que ele fazia e sendo reativo ali, do que conseguir ser propositivo de fato. (E3).

Como discutimos anteriormente, os entrevistados percebem limites que conformam sua movimentação nas estruturas tanto quanto sua capacidade de agência sobre elas. Conhecendo as lógicas da EOM, é possível construir estratégias de visibilidade que garantam o direcionamento da atenção de acordo com seus interesses, incidindo sobre ela. O constrangimento para movimentação em dadas subarenas pode ser superado pelos incentivos oferecidos em outras. Essa percepção é sustentada pelas experiências do próprio movimento, de organizações aliadas, mas também de oponentes ou outros atores que se movimentam no espaço público.

A extrema direita não se via representada na mídia corporativa. [...] Mas a agenda política, a agenda moral, essa agenda fundamentalista, eles não se viam representados nos grandes meios. *E trataram de construir os seus.* [...] Porque eles tiveram a necessidade de criar uma via, canais de comunicação próprios, e foram muito bem-sucedidos. Construíram uma esfera pública paralela. Eles têm uma esfera pública própria. (E5).

Todas essas possibilidades de mudança na estrutura de oportunidade midiática, desde as oscilações mais superficiais e momentâneas, até as que alteram padrões socialmente estabelecidos em formas de fazer, transformam as condições de acesso a visibilidade, tensionando o uso dos repertórios convencionais.

Considerações finais

Entendemos que essa estrutura apresenta condições para as interações estratégicas na arena na medida em que são midiaticizadas, tornando certas performances mais ou menos favoráveis. A mídia é uma instituição que organiza o conhecimento sobre esse campo social e oferece lógicas e recursos, padrões e tecnologia, que conformam essa estrutura. Diante dos processos de midiaticização, a instituição é permeada por outros atores que desenvolvem experiências atreladas aos seus interesses, inserindo mudanças nos procedimentos construídos socialmente até então. Enfatizamos, portanto, que as estruturas de oportunidade midiática não são conformadas apenas pela mídia, e que as organizações e profissionais desse campo, embora controlem parte dos recursos, participam das dinâmicas de visibilidade também como jogadores da arena.

As experiências relatadas permitiram identificar performances encorajadas ou restringidas em virtude não apenas dos regimes políticos ou dos sentidos socialmente predominantes, mas das possibilidades de interação midiaticizadas, previstas nas EOM. Essas estruturas oferecem um conjunto de incentivos e constrangimentos que condicionam as interações na arena em um dado

contexto, expressando lógicas de mídia que, quando não atendidas, podem levar a um lugar marginalizado na esfera de visibilidade pública.

Entendemos que essa é uma contribuição relevante, que explica de que forma os processos de midiáticação tensionam movimentos sociais a fazerem escolhas que consideram lógicas de mídia por meio dos incentivos e constrangimentos oferecidos, não levando necessariamente a uma assimilação, mas podendo transformar suas práticas e procedimentos.

Essa abordagem valoriza, ao mesmo tempo, o caráter dinâmico característico dos processos de circulação midiaticada, dando abertura para apreender mudanças nas lógicas que orientam as interações, seja por variações no conjunto de atores do próprio campo social da mídia, seja pelo sentido inverso de incidência por meio das experimentações tentativas feitas por atores externos. Dessa forma, apontamos que essas estruturas se atualizam com a movimentação dos jogadores, das demais estruturas de oportunidade e das próprias lógicas de mídia.

Com isso, oferecemos uma ferramenta conceitual para compreender os processos de midiáticação da política na perspectiva dos movimentos sociais, que considera as lógicas historicamente estabelecidas na mídia como instituição, mas também suas transformações.

Referências

BRAGA, José Luiz. Circuitos versus campos sociais. In: MATTOS, Maria Ângela; JANOTTI JUNIOR, Jader; JACKS, Nilda (Org.). **Mediação & Midiatização**. 1 ed. Salvador/Brasília: EDUFBA/COMPÓS, 2012a. p. 31-52.

BRAGA, José Luiz. Lógicas da mídia, lógicas da midiáticação? In: FAUSTO NETO, Antonio; ANSELMINA, Natália Raimondo; GINDIN, Irene Lis. (Org.). **Relatos de investigaciones sobre mediatizaciones**. 1 ed. Rosário, Argentina: UNR Editora, 2015. p. 15-32.

DELLA PORTA, Donatella; PAVAN, Elena. The nexus between media, communication and social movements: looking back and the way forward. In: GRAHAM, Meikle (Org.). *The Routledge Companion to Media and Activism*. Nova Iorque: Routledge, 2018.

DOWNEY, Dennis J.; ROHLINGER, Deana A. Linking strategic choice with macro-organizational dynamics: strategy and social movement articulation. In: **Research in Social Movements, Conflicts and Change**, v. 28, p. 3-38, 2008.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Org.). **Métodos e técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES, Wilson. Da Discussão à Visibilidade. In: GOMES, Wilson; MAIA, Rousiley C. M. **Comunicação e Democracia: problemas & perspectivas**. São Paulo: Paulus, 2008, p. 117-162.

HJARVARD, Stig. Midiatização: conceituando a mudança social e cultural. **MATRIZES**, v. 8, n. 1, p. 21-44, 2014. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v8i1p21-44>.

JASPER, James M.; MORAN, Kevin; TRAMONTANO, Marisa. Strategy. In: DELLA PORTA, Donatella; DIANI, Mario. (Org.). **The Oxford Handbook of Social Movements**. Oxford: Oxford University Press, 2015. p. 399-409.

KOOPMANS, R.; STATHAM, P. **Ethnic and civic conceptions of nationhood and the differential success of the extreme right in Germany and Italy**. In: GIUGNI, M.; MCADAM, D.; TILLY, C. (Orgs.). *How Social Movements Matter*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1999, p. 225–251.

MCADAM, Doug; TARROW, Sidney; TILLY, Charles. Para mapear o confronto político. **Lua Nova**, São Paulo, n. 76, p. 11-48, 2009.

MCCAMMON, Holly. Discursive opportunity structure. In: SNOW, D. A.; DELLA PORTA, D.; KLANDERMANS, B.; MACADAM, D. (Orgs.). **The Wiley-Blackwell Encyclopedia of Social and Political Movements**. Blackwell publishing, 2013.

MEYEN, Michael; THIEROFF, Markus; STRENGER, Steffi. Mass media logic and the mediatization of politics: a theoretical framework. **Journalism Studies**, v. 15, n. 3, p. 271-288, 2014.

TARROW, Sidney. Charles Tilly and the Practice of Contentious Politics: from France to England and [not quite] back again. **Histoire@Politique, Politique, culture, société**, v. 10, n. 1, p. 8, 2010.

TARROW, Sidney. **Power in movement: social movements and contentious politics**. 3 ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2011.

SNOW, David A.; ROCHFORD JR, E. Burke., WORDEN, Steven K.; BENFORD, Robert D. Frame Alignment Processes, Micromobilization, and Movement Participation. **American Sociological Review**, v. 51, n. 4, pp. 464-481, 1986.

TILLY, Charles. Movimentos sociais como política. **Revista Brasileira de Ciência Política**, n. 3, p. 133-160, jan./jul., 2010.

VOLPATO, Alana Nogueira. **Estratégias de visibilidade de movimentos sociais da juventude na sociedade midiaticizada**. 2022. Tese (Doutorado em Comunicação) – Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Bauru, 2022.